



ALBERTO CAEIRO

## 8. PAGANISMO

*O seu misticismo é para com a natureza.*

Irene Buarque.  
Lisboa (janela).  
Postal.



«A minha vida é toda uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.»

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do Mundo?  
Sei lá o que penso do Mundo!  
Se eu adocesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?  
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?  
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma  
E sobre a criação do Mundo?  
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos  
E não pensar. É correr as cortinas  
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!  
O único mistério é haver quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o Sol  
E a pensar muitas coisas cheias de calor.

Mas abre os olhos e vê o Sol,  
E já não pode pensar em nada,  
Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos  
De todos os filósofos e de todos os poetas.  
A luz do Sol não sabe o que faz  
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores  
A de serem verdes e copadas e de terem ramos  
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
A nós, que não sabemos dar por elas.  
Mas que melhor metafísica que a delas,  
Que é a de não saber para que vivem  
Nem saber que o não sabem?

«Constituição íntima das coisas»...  
«Sentido íntimo do Universo»...  
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.  
É incrível que se possa pensar em coisas dessas.  
É como pensar em razões e fins  
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores  
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das coisas  
É acrescentado, como pensar na saúde  
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das coisas  
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.  
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,  
Sem dúvida que viria falar comigo  
E entraria pela minha porta dentro  
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos

De quem, por não saber o que é olhar para as coisas,  
Não compreende quem fala delas  
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e sol e o luar,  
Então acredito nele,  
Então acredito nele a toda a hora,  
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores  
E os montes e o luar e o sol,  
Para que lhe chamo eu Deus?  
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;  
Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
Sol e luar e flores e árvores e montes,  
Se ele me aparece como sendo árvores e montes  
E luar e sol e flores,  
É que ele quer que eu o conheça  
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,  
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),  
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,  
Como quem abre os olhos e vê,  
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,  
E amo-o sem pensar nele,  
E penso-o vendo e ouvindo,  
E ando com ele a toda a hora.

s. d.

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10<sup>a</sup> ed. 1993): 28.

“O Guardador de Rebanhos”. 1<sup>a</sup> publ. in **Athena**, n<sup>o</sup> 4. Lisboa: Jan. 1925.